

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA - CURSO: LICENCIATURA HISTÓRIA

CRISTIANO PEREIRA MENDES  
FEIRANTES TERENA DA “KALI LÂVONA”



- Fonte: : [https://www.wikiwand.com/pt/Pra%C3%A7a\\_Oshiro\\_Takemori](https://www.wikiwand.com/pt/Pra%C3%A7a_Oshiro_Takemori)
- estátua "Índia Terena", na [Praça Oshiro Takemori](#), em frente ao Mercado Municipal de Campo Grande. Inaugurada em 2012

Aquidauana- 2023

**CRISTIANO PEREIRA MENDES**

**FEIRANTES TERENA DA “KALI LÂVONA”**

Artigo apresentado ao Curso de História da UFMS-  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de  
Aquidauana , como parte das exigências para a conclusão  
do curso (TCC), Licenciatura em História.

AQUIDAUANA-MS

2023

## FEIRANTES TERENA DA “KALI LÂVONA”

Cristiano Pereira Mendes<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo tem como tema as feirantes Terena da Aldeia Lagoinha (Kali Lâvona), situada na Terra Indígena Taunay-Ipegue, em Aquidauana Mato Grosso do Sul. Tem por objetivo geral mostrar a continuidade no tempo presente, de uma atividade considerada tradicional, e exercida por mulheres daquela etnia, por meio de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Apresenta como referencial teórico-metodológico a nova história indígena, em uma perspectiva decolonialista, por meio da qual se realiza o registro de vozes não hegemônicas e se visibiliza a contemporânea presença indígena na sociedade brasileira, da qual faz parte suas lutas e resistências. O artigo está dividido em três partes, na primeira apresentam-se uma introdução, contendo o tema, justificativa, objetivos e referências teórico-metodológicas. Na segunda, apresenta-se uma breve contextualização histórica da Kali Lâvona (Lagoinha), na terceira são relatadas as experiências narradas pelas feirantes que aceitaram participar da pesquisa, bem como a análise dos relatos colhidos. A pesquisa permitiu o registro da continuidade da atividade de feirante e de experiências vividas decorrentes desse trabalho.

Palavra- Chave: Terena Feirante, Decolonialidade, Resistencia.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultante de pesquisa realizada com feirantes terenas da “**KALI LÂVONA**” (Aldeia Lagoinha), situada na Terra Indígena Taunay-Ipegue, no município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, entre 2022 e 2023. Como Terena, considero relevante tratar de uma das atividades consideradas tradicionais entre as mulheres Terena e que ainda persistem em muitas das nossas aldeias. Assim, pesquisamos como essa atividade feminina se encontra em Kali Lâvona, como se desenvolve, as condições sob as quais se realiza e as perspectivas apontadas por cinco mulheres feirantes que se dispuseram a responder ao questionário que elaboramos. Observamos que, “a presença da mulher indígena nas feiras e mercados das cidades, tem sido observada em várias sociedades (...) especialmente em sociedades de agricultoras” (GALAN, 1994, p. 4)

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de História, da UFMS, Campus de Aquidauana, que no presente trabalho apresenta seu Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de artigo.

Constamos a existência dessa atividade tradicional em Kali Lâvona, para além de outras atividades exercidas pelas Terena dessa localidade, como da participação nos setores que abrangem cargos de comando, tais como as associações das mulheres, presença no conselho de liderança tradicional, atuação na educação escolar como professoras, diretoras de escolas, no duplo papel de trabalhadoras e articuladoras da política interna e externa, presença nas universidades e a busca pelo cargo de vereadora, no campo político, o que proporciona nacional uma ressignificação do ser mulher Terena (SEBASTIÃO,2012). Assim, podemos considerar que:

Não obstante a importância dos lugares institucionalizados ou mais visíveis na sociedade envolvente, (...) para as mulheres indígenas se localizarem, posicionarem e articularem estratégias e reelaboração de identidades étnicas, outros lugares são possíveis e não menos significativos, a roça e o comércio de seus produtos também é um potente entrelugar de produção de sentidos e significados dos mundos indígenas, em sua rica diversidade (CARDOSO, 2022, p. 15).

A justificativa para se realizar este trabalho se faz com base em pesquisas realizadas de artigos e produções a partir dos quais se consta que não há nenhum trabalho realizado na área da temática mulheres terena da Aldeia de Lagoinha, Aquidauana, Distrito de Taunay, por isso a realização deste trabalho para o registro de relatos de experiências de terenas feirantes dessa localidade. Como uma pequena contribuição para a descolonização da história, passando-se a incluir as vozes que foram subalternizadas. Assim, este trabalho pode apontar aspectos da vida coletiva Terena para futuras pesquisas.

O objetivo geral, dessa forma, é o de registrar a experiência de feirantes terenas da Aldeia Lagoinha, trabalhando-se uma perspectiva decolonialista da história, isto é, acolhendo outras vozes e não somente as da história da sociedade da cultura dominante.<sup>2</sup>

Nas últimas décadas do século XX, o pressuposto de que os índios simplesmente deixariam de existir começou a ser revertido de modo que hoje, talvez pela primeira vez na história do Brasil, é possível ver com certo otimismo um futuro dos índios. “A principal voz discordante, em enfática negação da tese do desaparecimento”, é a dos próprios índios que através de novas formas de expressão política, como as organizações e movimentos indígenas, reivindicam o cumprimento de seus direitos históricos (MONTEIRO, 1994)

Esta pesquisa tornou-se viável por pertencer a Aldeia de Lagoinha, pela convivência e por morar na localidade, tendo assim conhecimento e facilidade de acesso às fontes orais, isto é,

---

<sup>2</sup> Sobre essa abordagem vejam-se:

as feirantes da comunidade, que forneceram as informações necessárias a este trabalho. Foi elaborado em questionário, contendo informações sobre o perfil da colaboradora e 8 questões.

Responderam ao questionário cinco feirantes, as quais permitiram que as suas contribuições fossem usadas e identificadas, conforme Termo de Consentimento que assinaram. Assim, além da pesquisa bibliográfica, usamos o trabalho de campo, como recursos metodológicos,

## 1. A Aldeia Lagoinha (Kali Lâvona)

Primeiramente apresentamos o lugar a partir do qual as feirantes realizam suas atividades. A aldeia Lagoinha (Kali Lâvona) está situada em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, distante 2 km do distrito de Taunay, que fica 65 km da sede desse município, sendo uma das sete aldeias da Terra Indígena Taunay-Ipegue.<sup>3</sup>

De acordo com o Blog Aldeia Lagoinha<sup>4</sup>, constituído por professores da Escola Marcolino Lili dessa aldeia, assim podemos entender a história da aldeia, a partir de sua fundação em 1956:

A referida fundação se deve à família do índio Guilherme Moreira (Titi), sua esposa dona Margarida, seus oito filhos e ao seu genro João Delfino, que se casou com dona Olímpia Moreira Delfino. O último, dos oito filhos do primeiro casal, veio a nascer em 03/10/1957, na nova localidade, tendo recebido o nome de Emílio Miguel Moreira. Vindos da Aldeia Bananal, por volta de 20 de dezembro de 1956, com o objetivo de fazer lavoura e em busca de terras férteis, para o plantio de mandioca, milho, melancia e outros produtos, se instalou às margens de uma lagoa, que existia no referido local e que, mais tarde, daria origem ao nome da nova povoação.

Dessa forma, a Aldeia Lagoinha( Kali Lâvona ) surgiu e denominou-se assim desde o momento em que o Sr. Guilherme Moreira (Títi) e sua esposa dona Margarida Moreira (Hin' né) passaram a cultivar aquelas terras para lavoura, instalando ali sua roça. Procedentes da aldeia Bananal, todos os dias vinham para cuidar suas plantações e, como perceberam que ficava longe para ir e vir resolveram fazer uma pequena casa onde pudessem passar o dia e retornando apenas à tarde para a aldeia Bananal. Em 1956, Sr. Guilherme fez sua mudança e veio morar definitivamente naquela roça, juntamente com a sua esposa e os seus filhos mais

---

<sup>3</sup> Arquivo do Blog Aldeia Lagoinha, constituído por professores da Escola Marcolino Lili dessa aldeia, acessado em 20 de julho de 2022. Disponível em <https://escolamarcolinolili.blogspot.com/2011/03/historico-aldeia-terena-de-lagoinha.html>

<sup>4</sup> Disponível em <https://escolamarcolinolili.blogspot.com/2011/03/historico-aldeia-terena-de-lagoinha.html>

conforme afirmam os seus filhos. No ano seguinte, nascia o filho caçula do casal, Emílio Miguel Moreira, que é reconhecido como a primeira criança nascida na Aldeia Lagoinha e que atualmente pastor da Igreja Uniedas da Aldeia Lagoinha

Além da família Miguel Moreira, havia a família Cecé que já fixava residência naquelas terras, afastadas do local que atualmente é o centro da aldeia, onde se concentra a maior parte da população. Foram também considerados fundadores, pois já estavam ali na localidade.

O nome (Kali Lâvona) foi homenagem a uma anciã chamada Maria Carolina(Nuta) que todas as vezes que passavam perto da lagoa ficava admirando-a e dizendo “Kali Lâvona” (lagoinha). Dona Maria Carolina foi uma pessoa que se destacou para a aldeia , pois a batizou

Passados alguns dias, o índio Antônio Vicente (Pikihi), capitão da Aldeia Bananal na época, realizou uma visita de cortesia, ao local e à família do senhor Guilherme Moreira, que começava a constituir o núcleo do que se tornaria uma “nova” aldeia. Nessa ocasião, realizou-se uma reunião, em que foi sugerido pelo mesmo capitão, que o local deveria se chamar de “Borevy”. Contrariamente à sugestão apresentada, o senhor Guilherme apresentou o nome de “Kali-Lâvona” que, na língua materna, significa “Lagoinha”, cujo nome era uma homenagem a uma velha senhora chamada Maria Carolina que, todas as vezes que passava perto da lagoa, exclamava “Kali Lâvona” em admiração a mesma<sup>5</sup>

A história da Kali Lâvona (Lagoinha) encontra-se relacionada com a expansão da Igreja Evangélica da Aldeia do Bananal, da mesma Terra Indígena Taunay-Ipegue, distante aproximadamente 3 km:

Não existe uma definição clara da data em que se iniciaram os trabalhos de evangelização, porém, o que existe de concreto é que, os mesmos só aconteceram graças ao empenho do ministério da Igreja Evangélica situada na Aldeia Bananal. Já junho de 1958, a residência da família Moreira, se transformara em “ponto de pregação”, com a realização de cultos e a participação de diversos irmãos daquela aldeia, dentre os quais se destacam: Vitoriano Cecé, Antônio Vicente, Lourenço Marques e Ramão Vicente Cabo.<sup>6</sup>

Em relação às primeiras lideranças da Kali Lâvona (Lagoinha), constata-se que:

No dia 08 de outubro de 1972, através de uma reunião convocada pelo senhor Frederico Oliveira, chefe do Posto Indígena do Bananal, era eleito Marcelino Pereira (Canabarro), como primeiro “capitão” (cacique) da Aldeia Lagoinha, tendo Elias Lipú e Catulino Paulino como auxiliares, cujo mandato se encerrou em 26 de fevereiro de 1973, com a renúncia do citado capitão. Com um pleito realizado no dia 06 de setembro de 2008, foi eleito Alcery Marques Gabriel, como o mais novo cacique da referida aldeia, cuja posse aconteceu no dia 25 de outubro do mesmo ano.

---

<sup>5</sup> <https://escolamarcolinolili.blogspot.com/2011/03/historico-aldeia-terena-de-lagoinha.html>

Acessado em 20 de outubro de 2023.

<sup>6</sup> Idem

A primeira escola da aldeia Lagoinha (Kali Lâvona) recebeu o nome de “Marcolino Lili”<sup>7</sup>, inaugurada em 1960. Atualmente, a escola atende 227 alunos, tem em seu corpo docente 19 professores e possui 12 funcionários no setor administrativo e tem uma extensão na aldeia Morrinho.<sup>8</sup> Hoje, além dessa escola, existe outra : a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pr. Reginaldo Miguel – Hoyenó

A população da aldeia, tem como economia a agricultura, basicamente para a subsistência, mas algumas famílias visam também a comercialização dos seus produtos, algumas mulheres saem para vender nas cidades próximas como Aquidauana e também para Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, distante 264 km da aldeia, onde há uma feira indígena. Alguns moradores são empregados e funcionários da FUNAI, outros na área de Saúde e na Educação, e minoria são aposentados, e há as mulheres que trabalham como doméstica e a maioria dos homens trabalha fora como no plantio e poda de eucalipto, na cidade do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, na colheita de maçã, e na agricultura. Essas atividades são exercidas como uma necessidade para a sobrevivência de muitas famílias, assim muitos homens trabalham fora da aldeia.

A aldeia apresenta casas de alvenaria, ruas de terra batida, água encanada, e luz elétrica, um campo de futebol, uma quadra de esportes, além do posto de saúde, das escolas e de um pequeno comércio no centro da aldeia.

Além disso, estão presentes na aldeia seis igrejas: Igreja Missão Indígena Uniedas, 1ª Igreja Batista Indígena, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Unidas Indígena Pentecostal do Brasil, Igreja Assembleia Mato Grosso e Igreja Assembleia de Deus – Indígena.

A organização política interna da aldeia é formada por um cacique eleito a cada 4 anos e pelo Conselho Tribal formado pelo cacique, que atualmente é o senhor Lévison Vicente Cabo e o presidente do conselho, senhor Luiz Fernando Delfino.

## **2. As feirantes Terena.**

Cardoso (2022) aponta que existe dois trabalhos específicos sobre feirantes Terena, ambos tratam das feirantes da aldeia de Limão Verde. O primeiro é um Trabalho de Conclusão

---

<sup>7</sup> Nome em homenagem a um cacique Terena, De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, Marcolino Wollyli foi apontado pelo SPI como capitão da Aldeia do Bananal, exercendo essa chefia por aproximadamente 30 anos. De acordo com Lindomar Lili Sebastião, o sobrenome desse capitão foi alterado pelo SPI, para Lili. Convertido ao evangelho cristão, fez que parte de sua aldeia também se convertesse.

<sup>8</sup> Leia mais em: <https://www.opantaneiro.com.br/educacao/escola-da-aldeia-lagoinha-completa-50-anos/181279/>

de Curso, apresentado ao Curso de História, da UFMS, Campus de Aquidauana, apresentado por Erica Bordowicz, em (2013). O outro é uma dissertação feita por ele, Valdevino Gonçalves Cardoso, no Mestrado em Estudos Culturais, daquela mesma instituição, em 2022. Existem outros trabalhos que fazem menções pontuais, como Galam (1994), Mussi (2008), Novais (2013), Sebastião (2012 e 2018), Nascimento (2014).

Todos esses trabalhos mencionados apontam a presença da atividade comercial ou de troca como uma atividade tradicionalmente feminina, entre os Terena, mas Galan observa que:

Na sociedade tradicional Terena, a troca de produtos entre as aldeias era realizada pelos homens, as mulheres podiam determinar com o quê e com quem gostariam de trocar seus produtos, mas a troca era efetuada pelos homens. No entanto, dentro da nova realidade vivida pelos Terena, as mulheres é que se encarregam das atividades comerciais. Seus maridos e filhos ficam muito tempo fora da aldeia, trabalhando em fazendas, e usinas de açúcar da região (GALAN, 1994, p. 42)

Assim, se tem indícios de processos de adaptações realizados pelos Terena em relação às suas atividades de comercialização de seus produtos, como mostrou Cardoso (2022), em relação à Aldeia Limão Verde, onde as tarefas para o plantio das roças ficam, preferencialmente, a cargo dos homens, cabendo as mulheres a comercialização. Nesse sentido, se pode afirmar que essa é atualmente uma atividade feminina.

As mulheres Terenas são comerciantes por natureza. Na realidade, os grupos de indígenas presentes na Praça Oshiro Takemori pertencem a poucas famílias. O maior movimento de negócios, segundo seus testemunhos se dá em períodos festivos. As mulheres, segundo a cultura Terena é quem melhor desempenha o papel, conseguindo conciliar a vida de esposa, de mãe e de mulher trabalhadora e negociante. O homem fica em segundo plano, porque se elas conseguem administrar todo esse esquema de vida, eles a consideram mais capacitada para vários postos de 21 suas lideranças, sabendo como lidar no dia- a dia com as situações que se apresentam (NASCIMENTO, 2014, p. 17)

A inclusão das mulheres Terena como feirantes e comerciantes é tratada por Simone Correa como uma nova realidade que se “iniciou a partir do momento em que foram instituídas as reservas, conseqüentemente, impossibilitando a autossuficiência, quando então começaram a intensificar as relações com o exterior, saindo para trabalhar e desenvolver a comercialização com a sociedade capitalista” (CORREA, 2007, p. 129). Assim, a explicação está relacionada com questões de sobrevivência:

com a saída dos maridos e/ou filhos mais velhos para trabalharem nas cidades, usinas ou fazendas, às vezes por longos períodos, ou mesmo permanecendo na aldeia, trabalhando em suas roças, essas mulheres entenderam que era



necessário se encarregar do comércio complementando a renda familiar” (CORREA, 2007, p. 75).

Nessas circunstâncias, se pode dizer que as mulheres feirantes estão vinculadas ao “processo mundial de economia capitalista, conhecendo também o mercado e suas exigências” (CORREA, 2007, p. 120), constatando-se que “existe aqui uma grande distância entre a necessidade de consumo e a acumulação de bens para ostentação” (idem). Ou seja, trata-se de atividades de sobrevivência dentro do sistema dominante, assim se pode dizer que “essa atividade foi uma estratégia utilizada pelas mulheres para (re)existirem e resistirem” (CARDOSO, 2022, p. 57).

Dessa forma, se pode dizer que a mulher Terena criou uma atividade para si que hoje é vista como tradicional, o comércio dos produtos da aldeia em centros urbanos. Esse é um movimento “cultural e historicamente situado” (Cardoso, 202, p. 57). Nessa perspectiva passamos a transcrever as informações dadas por feirantes de Kali Lâvona (Lagoinha).a experiência.

### **3. Os relatos de feirantes terenas Kali Lâvona (Lagoinha)**

Após a contextualização da aldeia Lagoinha lugar de pertencimento e de vivência das feirantes passamos a transcrever as respostas obtidas por meio dos questionários que aplicamos e foram respondidos pelas feirantes em 2023. Todas concordaram em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre Consentido, com modelo anexado, e em serem identificadas e seus relatos e informações serem utilizados neste trabalho. Optamos por construir pequenos textos com as respostas obtidas pelo questionário aplicado.

#### **1) ELISANGELA CONSTANTINO FELIX**

Tem 37, anos solteira, Ensino Médio completo. Elizângela relata que o início da atividade de feirante foi “muito difícil, pois tinha que deixar os filhos em casa”, observando que a melhor época para a comercialização são os meses de novembro a janeiro, época das frutas na aldeia e, os piores meses são julho e agosto, por causa do frio. Os produtos são transportados em ônibus, saindo da aldeia. Esse transporte é considerado por ela como uma das dificuldades, pois além da passagem é preciso pagar uma taxa se os volumes de mercadoria passar de três bagagens. Ela comenta que “não tive muitas conquistas, mas o que arrecadei deu pra pagar as contas do mês”. Relata que “não é fácil ser feirante. Enfrentamos frio, sol, passamos o horário de almoço, janta, sentimos dor, cansaço”. Perguntada se gostaria que algum membro de sua família

continuasse na atividade de feirante, e porque, respondeu que não: “não é fácil ser feirante. Enfrentamos frio, sol, passamos o horário de almoço, janta, sentimos dor, cansaço etc.”.

## 2) MARIA FELIX

Tem 59 anos, casada, cursou até a terceira série do Ensino Fundamental. Maria Felix relata que “aminha mãe já era feirante, então vendo e vivenciando ela fazer feira, aos poucos eu também fui aprendendo a ser feirante e até hoje faço feira”. Para ela os melhores meses para suas atividades de venda de produtos são outubro, novembro e dezembro, “época de frutos como guavira e manga”, observando que agosto é “tempo de seca pois há menos produtos da roça e também não há frutas para venda”. As maiores dificuldades enfrentadas estão relacionadas ao carregamento, pois “quando estou sozinha devo dar conta das cargas das bagagens, caixas onde estão os produtos”. Perguntada sobre a importância da atividade de feirante em sua vida, respondeu que foi “a conquista realizada pela venda dos produtos foi a conquista de fazer a minha casa”. Conclui que gostaria que sua filha continuasse com a atividade: “Gostaria, pois isso é de geração aprendi vendo minha mãe fazendo feira, e minha filha também aos poucos está mexendo com vendas nas feiras”

## 3) GETTRUDE JORGE

Casada, 79 anos, não mais exerce a atividade de feirante, mas se dispôs a responder o questionário, o que considerei importante registrar. A senhora Gettrude relembrou sua experiência: “Me lembro quando comecei a gente vendia os produtos nas ruas da cidade de Aquidauana, pois ainda não havia o local onde os feirantes vende seus produtos hoje”. Afirmou que a melhor época para a comercialização é a setembro a dezembro, “pois é uma boa época de frutas na aldeia, mês de agosto é uma época que não tinha frutas para vender pois era muita seca, não tinha fruta”. Lembrou como era feito o transporte das mercadorias: “Era um caminhão coberto com lona, onde nas laterais existiam banco comprido para servir de assento, e todos íamos sentados a maioria era mulheres, acho que era chamado de pau de arara. Me lembro de levantamos acho que umas 3 horas da manhã, enfrentando frio que fazia nas madrugadas pois o caminhão não entrava nas aldeias, vinha da aldeia Bananal passava por reta direto pra Taunay e ia pra Aquidauana, então tinha que acordar cedo e ir pro ponto na beira da reta pra pegar caminhão se não acordar já ficava para trás, e quando chegava quando chegava já com o amanhecendo, depois todos desciam e cada um já pegava suas vendas e ia com bacia na cabeça

e saia pra vender nas ruas , tomei muito sol naquela época quando terminava de vender as primeiras frutas que a gente levava, nos retornávamos onde deixamos os outros vendas pra depois voltar na rua de novo até acabar a nossa venda foi muito sofrido carregar peso chegava cansada. O troco das minhas vendas eu comprava as coisas que faltava como alimento, o básico pra nós da nossa família, acho que a minha maior conquista é de ter visto meus filhos crescerem, não deixar falta comida pois emprego era difícil tinha que sair da aldeia”. Manifestou sua vontade de que alguém de sua família continuasse a atividade que exerceu, mas “nenhuma filha seguiu os meus passos de ser feirante. Pois quando terminaram o pouco estudo que eles têm foram embora, saíram da aldeia em busca de emprego, até agora estão morando fora da aldeia, mas não deixaram de falar a nossa língua terena todos sabem falar.

#### 4) ELIZABETH DA SILVA DIAS

Tem 60 anos, casada, estudou até o 5º ano do ensino fundamental. Elizabeth conta que o início de suas atividades de feirante se deu pela necessidade de uma alternativa para a sobrevivência, sendo uma época muito difícil: fazer o nosso ponto construiu o Quiosque onde feirante vende, atualmente existe três Quiosque para os Terena, Limão Verde, Cachoerinha e Bananal “lembro que quando fui pra cidade de Campo Grande, na primeira vez eu fiquei meio perdida sem saber o que fazer como vender ,sem ninguém pra me ajudar pois ainda não conhecia ninguém dos que faziam feira, onde é hoje, o atual, naquela época dormíamos perto do mercado. No decorrer dos anos pra cá, foi melhorando um pouco, até que ganhamos com muita luta e persistência a prefeitura de Campo Grande nos ajudou a fazer o nosso ponto construiu o Quiosque onde feirante vende, atualmente existe três Quiosque para os Terena, Limão Verde, Cachoerinha e Bananal”. Lembrou que o início de suas atividades como feirante se deu pela necessidade de sobrevivência, sendo essa atividade a alternativa encontrada: “Pois é a falta de emprego que me fez buscar esta profissão ser feirante. Porém, ressaltou que “ hoje eu tenho orgulho de ser feirante pois tudo que sou hoje graça ao meu “trampo” e do meu esposo que planta aqui na aldeia e levo para feira. Além de levar os produtos que me é oferecido por outras pessoas da comunidade vizinhas, eu faço assim, levo os produtos pode ser guavira, manga ,caju etc., quando vendo tudo e volta pra aldeia, já aviso o dono dos produtos antes o quando vou chegar, e depois repartimos o lucro da venda isso nos falamos” a meia” dividir”. Essa autora constata ainda: “Uma época boa para se fazer venda de produtos é no final do ano, tem muitas frutas aqui na aldeia. Como caju, manga, guavira, pequi, tamarindo etc. No meio do ano, onde há uma falta de produtos para venda, pois plantamos dá pouco e pequenos frutos e uma época de seca

falta chuva nesse mês de agosto”. Em relação ao transporte contou que: “o ônibus é o meio de transporte que eu utilizo pois posso levar uns 10 volumes de bagagens somente de produtos, apesar de pagar taxa de 10 a 15 reais se passar de 3 volumes de bagagem”. Em relação às dificuldades enfrentadas escreveu que: “como eu ia dizendo o começo foi muito difícil, a dificuldade que é nos enfrentávamos era de frio e chuva e um lugar pra guardar nossos produtos pois quando estávamos a dormir alguém que vivia nas ruas vinha a noite e pegava nossas vendas como íamos enfrentar eram somente mulheres, no amanhecer que achávamos falta , dos produtos ,as vezes achávamos somente casca das mangas embaixo da arvore próximo onde fazíamos feira. Sem contar que tive que refazer umas quatro vezes meu CPF, pois também era furtado. Mas agora nós temos já um lugar onde possamos vender nossos produtos”. Continuando com as suas recordações, Elizabeth relata que: “Hoje quando eu paro e relembro por tudo que passei desde a primeira vez me lembro que no primeiro dia quando sai da aldeia, para Campo Grande fazer feira, quando cheguei lá foi muito difícil pois não sabia abordar as pessoas para que eu pudesse vender, me lembro que neste dia não consegui vender nada e não tive nenhum dinheiro para comprar meu alimento para me alimentar”. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Elizabeth afirmou que: “Lembrando disso hoje eu vejo com muita alegria e orgulho e tenho a felicidade de te dizer que eu consegui foi com muito esforço e “trampo”, eu e meu esposo , eu consegui construir uma minimerceria, com dinheiro das vendas dos produtos da roça, eu também consegui comprar um carro. Mais ainda almejo mais de um dia consegui um ponto somente para mim, comprar um local onde eu possa ser a dona do local”. Perguntada de gostaria que alguém de sua família continuasse como feirante, respondeu: “Gostaria sim. Porque hoje nós temos um espaço uma banca, os tempos difíceis já passou hoje atualmente nos temos colchão, banheiro, freezer para deixar os nossos produtos, fogão para quem quiser cozinhar seu alimento. Inclusive tenho uma filha que mora lá na cidade de Campo Grande, que as vezes vai até a feira fazer suas vendas pois é mais uma fonte de renda as vezes a deixo lá tomando conta e retorno pra aldeia pra buscar mais produtos”.

##### 5) LUZIANE JOSÉ VENÂNCIO

Tem 42 anos, solteira, Ensino Médio Completo. Luziane relata que começou na feira com sua mãe: “Comecei na feira com minha mãe D. Nestorina Venâncio, desde pequena eu a juntamente com ela para feira e nisso com a convivência a rotina de feira eu fui aprendendo como o trabalho e realizado pelas feirantes, eu tinha acho que uns 8 a 12 anos, já convivía com os feirantes. Constata que foi um tempo difícil: foi assim que comecei .Lembro que pegávamos papelão para servir de colchão para dormimos, levávamos apenas cobertor para nos aquecer do

frio que fazia a noite. Desse tempo, recorda ainda que “naquela época antes de existir Quiosque, me lembro que dormíamos no chão ao lado do mercado que tem lá, hoje nós temos um local.<sup>9</sup> Quando minha mãe faleceu foi uma situação muito difícil eu tinha mais ou menos uns 18 ou 20 anos, pois as vendas dela ajudava no complemento do sustento da casa, o jeito era agora eu prover o sustento da família lembro que meus irmãos eram ainda pequenos, daí então comecei a ser feirante, foi um meio que vi de ajudar a prover alimento”. Luziane conta sobre as dificuldades enfrentadas: “Falta de condução própria para levar os feirantes, pois nós temos este ônibus que faz a linha nas aldeias, passando de três bagagem já cobra uma taxa de 15 reais por bagagem se vou levar uns 10, já tenho que desembolsar uns 150 somente de taxa. Quando faz muito frio também nos sofremos pois temos que acordar muito cedo para arrumar nossos produtos nas bancas onde fazemos feira”. Apesar de ter arrumado outra ocupação, ainda atua como feirante: trabalho ajudando a fazer merenda na escola da aldeia, mas sempre que tem feriados longos, aí tô indo fazer feira. Em relação aos benefícios resultantes de suas atividades considera que: Uma das conquistas foi ter ajudado na compra de material para a nossa casa, pois o que tínhamos já estava velha. Acho que a minha outra conquista foi ter ajudado a minha família de ter provido o sustento da casa”. Em relação a continuidade da atividade por um membro da família respondeu: “Sim. Tenho filha feirante que também está aprendendo a ser feirante, através de convívio das outras feirantes ela está apreendendo”.

### **Análise dos relatos**

A atividade de comercialização nem sempre foi das mulheres. As informações dadas pelas feirantes e a análise de Galan (1994), permite dizer que essa atividade foi uma estratégia utilizada pelas mulheres para (re)existirem e resistirem: Na sociedade tradicional Terena, a troca de produtos entre as aldeias era realizada pelos homens, as mulheres podiam determinar com o quê e com quem gostariam de trocar seus produtos, mas a troca era efetuada pelos homens. No entanto, dentro da nova realidade vivida pelos Terena, as mulheres é que se encarregam das atividades comerciais. Seus maridos e filhos, em muitos casos, ficam muito tempo fora da aldeia, trabalhando em fazendas, e usinas de açúcar da região (GALAN, 1994, p. 42).

---

<sup>9</sup> Luziane se refere à Praça Oshiro Takemori que fica situada na região central da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Na praça funciona uma feira indígena, onde os indígenas comercializam seus produtos.

Em relação ao perfil das feirantes de Kali Lâvona (Lagoinha), em atividade, consta-se que a mais jovem tem 37 anos e a mais velha, 60 anos, sendo duas solteiras e duas casadas. Quanto à escolaridade, duas possuem o ensino médio e duas o ensino fundamental incompleto.

Todas as quatro feirantes consultadas mostram que os principais produtos comercializados são as frutas, como guavira, manga, caju, tamarindo, pequi, sendo a melhor época para a atividade os meses de outubro a janeiro. Somente uma das feirantes apontou comercializar produtos de sua roça, plantada pelo marido, além das frutas.

Assim, na Kali Lâvona (Lagoinha) as feirantes comercializam, sobretudo, frutas. Elizabeth Silva Dias mostra que além de vender seus próprios produtos, as feirantes vendem outros, como milho e feijão, por exemplo, oferecidos por outras pessoas, da sua aldeia ou de outras vizinhas. Nesse sentido, se pode observar que existe uma espécie de venda consignada. O produtor entrega a mercadoria e o intermediador ganha em cima do que vender, o que não for vendido pode ser devolvido. O intermediador se responsabiliza em revender o produto e lucrar um valor em porcentagem do que vender, a ser combinado entre ambos, no caso da Lagoinha seria como o que Elizabeth relatou: “quando vendo tudo e volta pra aldeia, já aviso o dono dos produtos antes o quando vou chegar, e depois repartimos o lucro da venda isso nos falamos” a meia” dividir”.

As dificuldades relatadas estão relacionadas ao transporte dos produtos, da aldeia até Campo Grande onde vendem suas mercadorias, um trabalho cansativo que exige resistência física. Das 4 feirantes consultadas, duas consideram que obtiveram ganhos que lhes permitiram melhorar o nível de vida, as outras duas consideram que apenas conseguiram meios para sobreviver.

Pela vivência e conhecimento dessa comunidade a que pertencem constata-se que a aldeia Lagoinha tem 4 pessoas em atividade. Excetuando-se a senhora Gettrude Jorge, a atividade de feirante está restrita às mulheres que responderam ao questionário da pesquisa, com a perspectiva de continuidade apontada por três delas, por meio de suas filhas.

## **REFERÊNCIA**

**CARDOSO, Valdevino Gonçalves. SENÓHIKO KAVÁNETIHIKO, ÍHAEHIKO IPOXÓVOKUTI IHÁXENOTI TONÓ`ITI LIMAUN.** Entrelugares e interculturalidade: vivências de feirantes Terena da Aldeia de Limão Verde. **Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais).** UFMS, Campus de Aquidauana, 2022.

GALAN, Maria Cristina S. As Terena. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, 1994.

MIRANDA, C.do Claudionor. **Territorialidade e Práticas Agrícolas** :premissas para o desenvolvimento local em comunidade Terena. Dissertação de Mestrado Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Campo Grande /MS.2006,122p.

MUSSI, Wanderléia Paes Leite. Tronco velho ou ponta da rama? a mulher indígena Terena nos entrelugares da fronteira urbana. Patrimônio & Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.1, 2008 p. 42-57.

NAINÉ TERENA. Além de gerar renda, produção familiar de algumas aldeias é doada para creches indígenas. Artigo. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods11/agricultura-indigena-movimenta-comercio-em-aquidauana> Acesso: 20, ago. 2022

NASCIMENTO, Emanuela Moura do. O processo de construção da visibilidade de um grupo de mulheres terenas em Campo Grande, MS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento local em Contexto de Territorialidades), Campo Grande, Universidade Católica Dom Bosco, 2014

NOVAIS, Sandra Nara. Prática Social de Ressignificação da Educação Escolar Indígena. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos, UFSCAR, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O processo de assimilação dos Terena. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1960.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili **Mulher Terena**: dos papéis tradicionais para atuação sociopolítica. Dissertação 2012,144p.( Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili. **O protagonismo das seno tereno-Mulheres Terena**. Tese de Doutorado (Ciências Sociais : Antropologia)-Pontifícia Universidade de São Paulo(PUC-SP).São Paulo,2018, 240p.

SEBASTIÃO, Lindomar Lilli – Discussões e reflexões sobre o direito da mulher indígena. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014

## QUESTIONARIO

Pesquisa:

TERENAS FEIRANTES DE “KALI-LÂVONA (LAGOINHA), TERRA INDIGENA  
TAUNAY-IPEGUE

### 1. PERFIL

Idade

Estado civil

Escolaridade

2.Como foi o início da atividade de feirante?

3.Existe uma época específica para a plantação da roça? Qual?

4.Existe uma época melhor para a comercialização dos produtos, Qual?

5.Quais os locais para a comercialização dos produtos

6.De que maneira realizam o deslocamento para os pontos de venda?

7.Existem dificuldades nas atividades de feirante? Quais?

8.Qual a importância da atividade de feirante em sua vida?

9.Gostaria que algum membro de sua família continuasse na atividade de feirante? Por quê?

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!